

## A BATALHA É DO CONHECIMENTO, A ESTRATÉGIA É SENSÍVEL E A ARMA É A MÚSICA

Adriana de Holanda Cavalcanti<sup>1</sup>

**RESUMO:** O texto tece apontamentos iniciais sobre a importância da “música negra” como processo de educação, promoção de saúde coletiva e como forma de construção e comunicação comunitária na indicação da necessária percepção da convergência de linguagens artísticas na cultura de matriz afro-ameríndia e em processos de *empoderamento* coletivo que possam engendrar indicações de princípios para a construção de políticas públicas nos eixos saúde-educação. Destaca-se no texto a importância do legado africano através da palavra cantada inspirada nos *griots*, no qual destacamos como pontos de iniciais de reflexão a “batalha do conhecimento” do Mc Marechal, as estratégias sensíveis nos processos de comunicação indicadas pelo pesquisador Muniz Sodré e na música como resistência indicada na biografia do músico e ativista político nigeriano Fela Kuti.

**PALAVRAS-CHAVE:** Políticas Públicas – Saúde Coletiva – Educação – Griot – Música

Esse texto nasce das experiências e troca de saberes vivenciados junto a Rede Independente Educação Griô/semente de Jurema e do Laboratório de pesquisa em subjetividade e Cultura Afro-brasileira da Universidade Federal Fluminense. A Rede Educação Griô forma coletivos de artistas e educadores; tem como objetivo principal contribuir para a valorização dos saberes e fazeres de matriz africana e indígena junto a espaços formais e não-formais de educação.

Em 2008, partindo da experiência do Terreiro de Jurema como território de experiência estética e sagrada, podemos construir um projeto sobre música e educação, chamado “Arte e Magia na Jurema Pernambucana” através da disseminação dos ritmos das comunidades tradicionais afro-brasileiras junto a escolas e centros de educação do Estado do Rio de Janeiro. Participamos assim do Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura, junto ao eixo da Ação Griô Nacional, proposta de política pública que visava a inseparabilidade entre processos de educação e de cultura na formação dos estudantes brasileiros.

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia pela UFF, Especialista em Comunicação e Saúde pela FIOCRUZ, Gestora da Rede Educação Griô/ Semente de Jurema, Pesquisadora do Laboratório Kitembo – Subjetividade e Cultura Afro-brasileira (Depto. Psicologia UFF), Coordenadora do projeto “Linguagens da Arte e Formação de Redes Colaborativas em Cultura e Saúde” (Convênio UFF-FIOCRUZ), Zeladora da Casa de Jurema-RJ, Brasil. Contato: [adriana.edugrio@gmail.com](mailto:adriana.edugrio@gmail.com)

Desde então, fomos tecendo aprendizados sobre a pedagogia griô, que busca tecer um modo de aprender e ensinar baseado no diálogo entre os saberes e fazeres dos mestres da cultura de matriz afro-indígena e dos saberes acadêmicos e científicos, favorecendo espaços de formação através das artes e das diversas expressões artísticas brasileiras.

Desde 2008, a aliança entre o conhecimento da história social da música e da disseminação dos seus ritmos e mensagens são extremamente valiosos na construção da Rede Educação Griô, e foram e continuam sendo realizadas através do Maracatu de baque solto, Coco de Roda e Coco de embolada, Afoxé e Ciranda.

A partir de 2012 foi necessário sistematizar as ações culturais em uma proposta baseada na articulação da música e com o conhecimento de sua história social, incluindo a importância do terreiro como território de proteção desses saberes e fazeres, dos seus ritmos e histórias. Uma concepção de intervenção artística que pudesse oferecer processos de intervenção e reflexão sobre a importância política e pedagógica da música como formadora de processos de subjetivação (criação de valores, modos de olhar, perceber e vivenciar o cotidiano e suas relações com o mundo, a vida e seus próprios saberes).

Neste mesmo período, a partir das contribuições da pesquisadora em Ciência da Arte - UFF, Priscila Correa Faria, fomos identificando que havia um viés de similaridade entre as expressões de matriz africana no contexto urbano e rural das diversas cidades brasileiras e que retratavam na sonoridade a expressão de suas condições sociais, da história do povo negro presentificada no contemporâneo, tais como o Reggae, o AfroBeat e o RAP. Que embora tenham na diáspora africana nas Américas percorrido países estrangeiros, tem no Brasil, no contexto nacional uma dinâmica com as expressões da cultura popular que merece ainda pesquisa e estudos no tocante a sua importância social e política na formação social brasileira.

Tais reflexões e contribuições já nascem da própria dinâmica da Rede Educação griô, pois suas atividades são um processo de permanente aprendizado, de rodas de conversas, e de uma educação dialógica e no qual a diversidade das expressões brasileiras tem encontro marcado com a identificação de seus referenciais africanos e indígenas. E estes processos de aprendizado na cultura e pela cultura, se fazem através de oficinas, vivências, rodas de leitura, e exibição de vídeos, gratuitamente ofertados a comunidade local, educadores, pesquisadores e estudantes em geral, além de artistas sensíveis aos processos educativos da e com a música.

Assim, fomos estudando músicas e músicos que ofertavam a possibilidade do encontro entre educação e arte, entre a cultura brasileira e sua conexão com o movimento diaspórico nas Américas.

Em 2013, tivemos a presença do Rapper Gaspar do grupo Záfrika Brasil (SP), Rapper GOG (DF) e com Mc Ralph (SP) em vivências e rodas de saberes da pedagogia griô, os quais já traziam em suas próprias mensagens e ritmicidade a inevitável matriz africana, muito próxima dos emboladores, cantadores do coco e outras expressões do nordeste brasileiro.

Além deles, tivemos a oportunidade de acessar toda uma filosofia e metodologia de trabalho do rapper Mc Marechal (RJ), que traz para dentro da cultura Hip Hop, a importância do conhecimento na formação de jovens Mcs. Que conhecimento é esse?

O movimento hip hop, desde suas expressões nos guetos norte-americanos em meados dos anos 1970, foi uma transformadora prática cultural para a juventude, sendo fundamental para a substituição da violência urbana por manifestações artísticas baseadas em quatro pilares: MC (Poesia), DJ (Música), Graffiti (Artes Visuais) e Break (Dança). Nos anos 1990, o DJ Afrika Bambaataa – novaiorquino, considerado um pioneiro do Hip Hop – declarou a inclusão do conhecimento como o quinto e mais importante pilar desta cultura.

Mc Marechal (RJ) é o criador e sistematizador de “Batalha do Conhecimento”, que desde 2007, se instaura como um ritual de expressão artística e de práticas de educação através do conhecimento firmado no encontro, no diálogo, na troca de saberes e reflexão de informação numa reunião de participantes da cultura Hip Hop. Saberes que vem dos livros, das pessoas, dos artistas, dos vídeos que são postos em conexão durante o ritual da batalha do conhecimento, um ritual de celebração do encontro e da convergência de caminhos de aprendizado e postos em sintonia com a filosofia que embasa o seu trabalho: “um só caminho”. Suas próprias rimas indicam: “um só é plural”, e nessa pluralidade, a batalha do conhecimento instaura uma pedagogia do Rap, a possibilidade de um modo de aprender e ensinar baseada num processo instaurador de reflexão e colado na inseparabilidade entre vida, arte, transformação social. Marechal além de propiciar a visibilidade de jovens Mcs, ele intervém num processo de formação e de compartilhar conhecimento, se responsabilizando pelo sua papel, de educador social, e não apenas de formador de opinião, entendendo que o processo de educação, baseado na matriz africana, instaura outros modos de vida e de visão, de busca de saberes, o que tem feito uma enorme diferença na vida de jovens de comunidades e periferias dos centros urbanos, que podem ter no RAP e na cultura Hip Hop, um espaço de

agregação social e expressão artista e cultural, da sua condição de brasilidade, de empoderamento da sua memória social através da música de mensagem.

A batalha do conhecimento é uma batalha temática, em que os Mcs recebem temas e a partir deles desenvolvem suas rimas. Portanto, ela se diferencia de outros tipos de batalhas entre Mcs, em que se estimulam uma certa rivalidade pessoal. NA Batalha do Conhecimento, vence o Mc, que na opinião do público, desenvolver melhor conteúdo a partir da temática proposta. Funciona como um processo de comunicação comunitária; como processo de disseminação e valorização da cultura Hip Hop. Em várias edições da batalha do conhecimento, houve exibição de vídeos e indicação de livros.

Esta metodologia presente na cultura Hip Hop em muito se assemelha, aos círculos de cultura e dos temas geradores propostos pelo educador Paulo Freire, que é uma das referências para as práticas da pedagogia *griô*, que é uma pedagogia do encontro, do afeto, da troca de saberes, do aprendizado pelo corpo, pela dança, pela palavra cantada, pela arte e pelos livros, vídeos, e pelas histórias de vida das pessoas., dos nossos mais velhos e mais novos..

A Batalha do Conhecimento e as vivências de música e educação da Rede Educação *Griô*, possibilitadas através do método da pedagogia *griô*, em muito se assemelham com o ritual do contador de histórias africanos, com os *griots* africanos, que são os responsáveis pela transmissão dos saberes, das gerações antigas para as gerações mais novas, e têm na palavra cantada, na musicalidades e nos saberes sagrados suas principais formas de instaurar o ritual de transmissão cultural, orientados pela ancestralidade.

São intervenções em arte e educação que tem na música de mensagem a força do ritmo-ritual-ritmo ancestral e desvelam, como Fela Kuti nos inspira a pensar, uma poderosa arma na construção da valorização das expressões culturais de matriz africana, na diversidade étnica e cultural brasileira, em práticas de circulação da informação e da comunicação sobre a nossa própria história cultural, que foi nos foi negligenciada pelos nossos colonizadores-educadores-jesuítas, como estratégia de dominação, de exercício do poder de subjugar um povo, pelos seu esquadrinhamento e segregação.

Quando nos ofertamos a possibilidade de conectar arte negra e educação comunitária, produzimos quase que inevitavelmente, uma espécie de cura coletiva, deu melhor de promoção de saúde coletiva, pois temos acesso as histórias que nos constituem, histórias que vem a musica, do ritmo, so som, so silêncio, do diálogo e do respeito ao ancestral africano.

Promoção e saúde coletiva, que cura a doença do precoceito, da violência física e simbólica com a população negra em nosso país.

Essas experiências promovem a paz através do respeito à diversidade étnica, através da reativação da nossa memória social, da importância do povo negro neste país, não só como escravo, mas como sujeitos pensantes e construtores da história, como sujeitos sensíveis, ativos, criativos, e inventivos de modos de não morrer, de não e escravizar, de não e violentar e isto é produção de saúde na perspectiva dos povos tradicionais afro-brasileiros.

Os terreiros de matriz africana, pensados aqui enquanto territórios de experiências estéticas sacras afro-brasileiras nos mostram, que não deixaram a música de matriz africana morrer... Que além de serem “berço” do samba, do afoxé, do coco, do maracatu, da embolada e de muitos ritmos da música popular brasileira, são um *continuum* do legado do saber africano neste país. Eles também nos ensinam a ter acesso a essa saúde coletiva, entendida como proteção da vida, e da sua beleza que reside no amor e no respeito ao diverso, ao outro, a coletividade, a comunidade, ao que há de comum em nós – nossa condição de sermos perecíveis materialmente, mas eternizados na memória de nossos ancestrais.

Além de salvuardarem muitos e muitos ritmos e histórias através da música, que vem sendo utilizadas por vários estilos tanto nas grandes capitais como nas regiões mais rurais do país, o terreiro é um território de outra prática social, que nos convoca a refletir sobre a necessidade desta cura, uma espécie de doença, que nomeamos, complexo de senzala, de separatismo e queima de informação, que habita no esquecimento da nossa própria memória social.

Trazer a convergência de saberes que foram segregados ao longo de séculos de processo de escravidão, e que vale dizer que ainda não terminou, pois no contemporâneo assume formas invisíveis; requer um resgate da nossa memória étnica das águas profundas do esquecimento do princípio africano que há em nossa cultura. Raiz que germina flores que podem exalar novos odores, na luta contra discriminações étnicas, ideológicas, de cerceamento da liberdade de informação e expressão, de violência simbólica e educacional a que nossos estudantes e a juventude brasileira tem sido submetida, junto com mulheres e crianças que sofrem com graves questões sociais e econômicas em nosso país.

A música de matriz negra tem necessariamente que ampliar essas vozes, esses cantos, para que a mensagem e a história continue a ser contada, para que o legado afro-indígena não se seja exterminado, para que possamos deixar para as próximas gerações o aprendizado de nossa memória social, cultural e artística.

O trabalho do Mc Marechal como do Rapper Gaspar, GOG, Mc Rapadura, Mc Ralph, são de extrema importância no contexto urbano, são nossos contadores de histórias, andarilhos entre morros, favelas e comunidades, que puxam o fio da nossa memória, do nosso DNA cultural, que produzem saúde através da poesia, que produzem saúde nas nossas instituições sociais adoecidas- museus, escolas, presídios, casa de show, centros culturais, universidades ....

Os afoxés, cocos, maracatus e cirandas produzem coletividades, rodas, movimentos coletivos, que não cessam de nos recontar, de nos visitar com a presentificação do ancestral africano e indígena...

Essas expressões além de terem suas histórias desconhecidas pela grande maioria da população brasileira, ainda são usadas como ferramentas de macro-poder governamental, que incentiva as competições, formando grupos rivais onde há a presença do legado africano na música, como é o caso das escolas de samba. Ou dos programas de TV, que recentemente tem usado os elementos da cultura Hip Hop de forma totalmente a-histórica, descaracterizando seus princípios comunitários, como forma alimentar mais doenças sociais, mais apagamentos de memórias e de sujeitos criadores.

Mc Marechal, ao intervir com o ritual da Batalha do Conhecimento, organiza seu espaço-tempo de presentificação do ritual *griot* do contador de história, e vem deixando sua enorme contribuição para a história contemporânea do RAP na cultura Hip Hop, mas também na cultura de matriz africana de forma mais ampla.

A Rede Educação Griô quando canta e conta as histórias, ritmos e musicalidades que vem dos terreiros afro-brasileiros rerepresentem a arte negra, a beleza da estética da existência e da resistência negra na história do nosso país.

São processos de intervenção artística que convocam os gestores públicos, a recolocarem no debate das formulações dos princípios educacionais, a inseparabilidade entre arte popular brasileira e educação, não como um projeto exótico, pontual, mas como ferramenta permanente de transformação social pela educação, de formação de mentalidades e subjetividades mais saudáveis, que façam com que nossos jovens cantem, dançam, sonhem, estejam na sua dimensão sensível plenos de sua história afro-descendente e possam ter orgulho da sua própria história, porque sabem da importância que ele teve e terá. E porque eles podem se reconhecer como parte dessa história.

Assim, Muniz Sodré nos alerta que as representações intelectuais capitalísticas deixam de lado as afetações simbólicas; que a estrutura simbólica opera no espaço-lugar, no território

enquanto força propulsora de vida. O autor nos convoca ao estudo dos processos de territorialização como força de aproximação exclusiva do espaço capaz de engendrar regimes diversos de relacionamento com real. O território aparece assim como dado necessário à formação da identidade grupal/individual.

Como exemplo deste dado, ele reforça que a própria noção de ser humano ou não, é diferenciada pelo fato de não estar abrangido pelo limite espacial do grupo em questão, como no caso dos grupos indígenas brasileiros que forma considerados selvagens, não civilizados.

Mc Marechal enquanto mediador da Batalha do Conhecimento cria um território de reconhecimento e pertencimento da cultura Hip Hop para jovens das comunidades urbanas. Os reconhece como fazedores de cultura e narradores de suas próprias vidas.

Um outro dado relevante é que a ideia de escravidão implicava a questão espacial, a questão da perda de um território próprio. Os Sumérios, por exemplo, designava a escravidão como “a mulher que veio de outro lugar”, e a própria etimologia da palavra significa que o escravo era aquele que se via destituído de um território próprio, de terra. E um dado importante é que a escravidão surge na história quando a humanidade passa da caça à agricultura, do nomadismo para o sedentarismo, para fixação num território.

A Rede Educação Griô quando recria o território da roda, oferta um lugar de asenhoramento da circularidade e do tempo da contação de história afro-brasileira como forma inesgotável de afirmação da beleza da cultura negra, para aqueles que foram expropriados dela – nossos estudantes e crianças brasileiras. Ela sempre vai residir na memória de todas as crianças que um dia ouviram a voz do ancestral afro-indígena.

Penar sobre a memória e a arte negra sobre a dimensão territorial é tecer considerações, reflexões e pesquisas sobre a lógica do espaço de uma cultura. Uma nova ordenação espacial do território, inclusive de saberes, orientada por determinações industrialistas e exploratórias modernas demarcam um corte com o universo mítico das comunidades tradicionais.

E escrevendo essa história a contrapelo que ousamos a continuar as histórias, as batalhas, tendo na música a arma que encanta, que revela, que pé o território de memória e a continuidade do legado africano na formação da identidade e subjetividade dos jovens e crianças em nosso país.

Que essas práticas de arte e educação paridas de um sonho, de um só caminho, possam indicar a construção políticas de cultura para o povo, pelo povo e como o povo em todos os



tons, sons e cores; genuinamente aberta para aqueles que precisam ser curados ou cuidados do seu próprio esquecimento histórico.

## REFERÊNCIAS:

- Benjamin, W . O Narrador. In: **Obras Escolhidas: arte e técnica – magia e política.** vol. I  
São Paulo; Brasiliense: 1993.
- Caiafa, Janice. **Nosso século XXI: Notas sobre Arte, Técnica e Poderes.** Relume Dumará, Rio de Janeiro: 2000.
- Certau, M. **A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer.** Rio de Janeiro; Vozes: 1999.
- Foucault, M. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro; Graal: 1984.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade III: O cuidado de si.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- Sodré, Muniz. **RADIS – Comunicação em saúde.** Nº. 62. Editora FIOCRUZ, Rio de Janeiro: (13-15) 2007.
- \_\_\_\_\_. **Antropológica do Espelho - Uma teoria da comunicação linear e em rede.** Vozes, Petrópolis: 2001.
- \_\_\_\_\_. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira.** Salvador: Imago, 2002a.
- Abreu, Regina e Chagas, Mário (org). **Memória e Patrimônio: Ensaios Contemporâneos,** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- Cavalcanti, Adriana de Holanda. **Encarte Metodológico -Linguagens da Arte e Comunicação.** FIOCRUZ: Rio de Janeiro, 2004.
- Soares, Sérgio et all (orgs.). **Os Mecanismos de Discriminação Racial nas Escolas Brasileiras.** IPEA – Rio de Janeiro, 2005.
- Souza, Marina de Melo e. **A Descoberta da África.** Revista Raízes Africanas. Revista de História da Biblioteca Nacional. Coleção Revista de História no Bolso. Ed. Sabin. Rio de Janeiro, 2009.
- Pacheco, Lílían e Caíres, Márcio(org). **Nação Griô: O Parto Mítico da Identidade do Povo Brasileiro.** MinC: Bahia, 2009.
- Tavares, Júlio César. Revista Antropolítica. LECC-UFF: Niterói, 2009.



Vansina, Jan. A Tradição Oral e Sua Metodologia. In: Kizerbo, J (org) **História Geral da África I** – Metodologia e pré-história da África, São Paulo: Ática, Paris: UNESCO, 1968.